

Leitura e escrita on-line

Raquel Maciel Paulo dos Anjos
Edvaldo Souza Couto
Marildes Caldeira de Oliveira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ANJOS, RMP., COUTO, ES., and OLIVEIRA, MC. Leitura e escrita on-line. In: BONILLA, MHS., and PRETTO, NDL., orgs. *Inclusão digital: polêmica contemporânea* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 145-162. ISBN 978-85-232-1206-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Edvaldo Souza Couto
Marildes Caldeira de Oliveira
Raquel Maciel Paulo dos Anjos

LEITURA E ESCRITA *ON-LINE*

Ao longo dos últimos anos, tem se intensificado a discussão sobre a presença generalizada das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) em todas as esferas da sociedade, e observamos de modo especial a chegada de diversas tecnologias no universo da educação. O final do século XX foi marcado por um forte desenvolvimento das TIC, das ciências da computação e do vertiginoso incremento da rede internet, trazendo radicais modificações na forma como se vem produzindo os conhecimentos, conceitos, valores, saberes, e de como as relações entre as pessoas e as máquinas se (re)significam, impulsionadas pela (oni)presença das TIC. Vivemos a chamada sociedade em rede (CASTELLS, 2005), estejamos ou não conectados a computadores e à internet.

Diante dos renovados modos de vida na cibercultura, as mídias digitais estão substituindo as tradicionais em uma variedade de aplicações e a uma velocidade sem precedentes. Assistimos a substituição dos discos de vinil pelo CD e mp3; o videocassete pelo DVD; as máquinas fotográficas analógicas pelas digitais. As informações, conhecimentos e produtos culturais estão cada vez mais se concentrando no espaço virtual. Essas constantes mudanças estimulam certas mutações de hábitos cotidianos e escolares.

Se com músicas, filmes, vídeos e fotografias essas transformações já fazem parte do cotidiano de milhares de pessoas e modificam os modos de produção e distribuição dos produtos, assim como a própria existência das indústrias, especialmente as do entretenimento, presenciamos atualmente uma alavancagem

da produção e dos usos de textos que progressivamente se deslocam da versão impressa para a digital. Não é raro encontrarmos expressões como “livro 2.0”, “leitura *on-line*”. A versão digital da leitura e dos escritos vem tomando cada vez mais espaço no cotidiano das pessoas – crianças, jovens, estudantes e pesquisadores. Vivemos uma condição diferenciada em que progressivamente nossas experiências de leitura e de escrita são cada vez mais *on-line*, resultado da conexão quase permanente em que vivemos imersos.

Esse texto apresenta alguns resultados de uma pesquisa intitulada *Livros/textos digitais: usos, possibilidades e limites*, desenvolvida no Grupo de pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC), na Faculdade de Educação, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), com bolsas do Projeto de Iniciação Científica (Pibic), no período de agosto de 2008 a julho de 2009. A principal questão que orientou o estudo e deu origem a este texto foi: a produção e difusão da leitura/escrita *on-line* potencializa os hábitos de leitura e escrita de alunos e professores? Com essa indagação, o trabalho teve por objetivos analisar a produção e a difusão da leitura e da escrita *on-line*, discutir usos, possibilidades e limites dessas experiências de leitura e escrita na rede, entre alunos e professores do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação da UFBA.

APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Foram muitos os caminhos do texto do manuscrito ao digital. Dos tempos mais longínquos até os nossos dias, o homem teve a necessidade de armazenar as suas experiências com a finalidade de eternizar o conhecimento obtido, de acumular e transmitir os saberes para que gerações futuras pudessem conhecer, aperfeiçoar e transformar a realidade a sua volta. Não por acaso, nesse contexto, o livro foi escolhido como principal repositório das vivências, tornou-se o importante suporte da informação. Para muitos povos, livro e conhecimento se tornaram simbolicamente sinônimos.

O livro – repositório da experiência contínua das civilizações – ao registrar a memória coletiva, quer através das técnicas utilizadas para impressão e gravação, quer pela influência na difusão das idéias e no avanço dos conhecimentos, constitui-

-se no fator essencial da civilização como veículo do pensamento escrito. (RODRIGUES, 2000 p. 2)

O livro, no seu formato impresso, é uma herança cultural da humanidade, pois ele foi escolhido como fonte principal para preservação e difusão da cultura. No entanto, vários caminhos foram percorridos, do rolo ao códex, até chegar a esse formato impresso que conhecemos, considerado uma forma segura de preservar as experiências e os conhecimentos. Agora outras mudanças marcam a evolução do texto em formatos eletrônicos. Essas inovações são apontadas por Primo (2008, p. 49-52) como uma revolução:

A invenção do códex e da imprensa veio potencializar a comunicação desvinculada do imperativo da co-presença e facilitar a manipulação e leituras de textos. Essa tecnologia permitiu que o registro de fatos e ideias resistisse ao tempo, independente do desempenho oral e da memória, diminuindo também o risco de distorções na retransmissão. [...] A última década do século XX testemunhou uma nova revolução na área de comunicação; para muitos, a maior desde a invenção da imprensa.

A escrita, afim de melhor preservar e socializar o conhecimento, sofreu diversas transformações no seu suporte: as tabletas de argila, o rolo de papiro, o rolo de pergaminho, o códex manuscrito e o códex impresso. A inovação da técnica da prensa por Gutenberg, no século XV, revolucionou a produção do texto, pois permitiu um acesso maior às informações por possibilitar um maior número de cópias e aumento de circulação. Agora, com o livro eletrônico, os *e-books*, presenciamos um novo período do escrito, com mudanças mais profundas, que prometem ampliar a democratização do conhecimento, pois apresenta maior rapidez e liberdade no ato de produzir e disseminar os saberes. Com ele, as funções do autor e do leitor se misturam e se confundem.

A descoberta da escrita marca a passagem do homem para um estágio cultural mais evoluído e o início da história. Desse modo, após três mil anos de escrita, e quinhentos anos depois da imprensa, surge a “revolução” do texto eletrônico.

A representação eletrônica do livro modifica totalmente a sua condição: o usuário pode submeter os textos a múltiplas operações: copiá-los, desmembrá-los, recompô-los, deslocá-los etc., mais do que isso, pode tornar seu co-autor. (RODRIGUES, 2000, p. 7)

Ainda existe muita confusão quanto ao conceito e denominação do livro eletrônico. Em língua inglesa, o *e-book* tanto é definido como um aparelho portátil para armazenamento e leitura de textos em versão digital, como pode também ser considerado o conteúdo disponibilizado na internet para *download* em um computador, *tablet* ou *smartphone*.

Surgem também outras denominações e conceitos como e-livro e ciberlivro, sendo o primeiro a simples migração de uma obra que já existe em papel para o formato digital na internet, e o outro um novo gênero, segundo Correia (2009), construído sobre uma nova matriz digital, hipertextual e, eventualmente, hipermediática.

Muitos autores concordam com o fato de que o texto eletrônico não pode ser uma simples transposição da versão impressa para a digital, preservando sua estrutura fechada e linear. O texto eletrônico nos coloca diante de uma outra realidade textual que para ser construído precisa explorar as possibilidades renovadoras, como a intertextualidade, com os hipertextos; a multisssemiose, tais como palavras, ícones animados, efeitos sonoros, diagramas e tabelas tridimensionais; a não linearidade e a interatividade.

Observamos junto a esse novo contexto da escrita/leitura uma série de questões que concorrem entre si valorizando ou desvalorizando a era da informação virtual e a inclusão digital dos sujeitos na cibercultura: quais as vantagens da escrita/leitura de textos *on-line*? E quais as desvantagens e os desafios enfrentados atualmente para a publicação e leitura na rede desses escritos?

É importante observar a nova roupagem da escrita/leitura. O seu corpo está modificado, agora em uma tela, adquirindo configurações, permitindo atos de interatividade muito maior, além das múltiplas possibilidades de trajetos e modos de leitura. Com a chegada do escrito digital, apresenta-se uma alteração mais intensa em relação ao jeito que se obtém e internaliza a informação. Modifica-se a forma como o texto é apresentado ao leitor, o que revela uma revolução não só do suporte como da própria estrutura do texto. Estamos

diante de uma outra cultura que exige diferentes habilidades: além do letramento, agora, para escrever e ler em ambientes *on-line*, é necessário também saber manipular o computador, o *tablet*, o *smartphone*, os programas de acesso, os aplicativos, buscar e encontrar as informações que deseja. O escritor/leitor se torna, antes de tudo, um navegador.

O leitor na web não lê da mesma forma que o leitor de livros ou revistas de papel. O leitor-navegador tem o mundo ao alcance do clique do mouse. Basta o texto torna-se monótono para que o leitor dirija-se a outras paragens, provavelmente para nunca mais voltar. (ALMEIDA, 2003, p. 34)

Segundo Lévy (1996), a internet é uma tecnologia intelectual que virtualiza a função cognitiva da escrita e da leitura. Ao lermos um texto impresso, fazemos de modo linear, mas a memória guarda aquelas informações que são importantes para o leitor, construindo uma representação hierárquica do texto. Isto significa que percorremos o livro de modo linear, página a página. Mas a representação que construímos é dinâmica, não é linear. Coscarelli (2002, p. 75-76) concorda com essas observações e afirma que:

[...] mesmo que o leitor siga as páginas do livro, a leitura, ou seja, a representação que constrói para o texto, não é linear. Na leitura, o leitor deve separar o que é informação relevante para os seus propósitos, construindo uma hierarquia dos significados, separando o que é informação principal de secundária. Fazendo isso, ele será capaz de perceber qual a idéia central, ou seja, aquela que permeia todas ou a maioria das proposições que construiu para o texto.

A leitura em tela não tem mais a obrigação da linearidade do texto impresso, ela é descontínua, na prioridade de satisfazer às características próprias do texto eletrônico, entre elas a maleabilidade, a mobilidade, a abertura para inúmeros *hyperlinks* etc. O leitor torna-se mais ativo e autônomo, ele é coautor, pois escolhe o caminho de sua leitura, acessando *links* para outros textos, vídeos, imagens e músicas. Assim, vai construindo seu percurso, interagindo com outras formas de textos, de linguagens e com os próprios autores, fazendo críticas, reescrevendo si-

multaneamente um escrito que parece sempre inacabado, sujeito a modificações. Com o texto eletrônico, todo mundo pode tornar-se crítico, fazendo suas análises e divulgando seus juízos pessoais. Dessa forma, a intertextualidade e a interatividade estão fortemente presentes na escrita/leitura *on-line*.

O novo suporte do texto permite uso, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro. [...] O leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir no coração, no centro. (CHARTIER, 1998, p. 77)

A internet fez surgir, portanto, um novo processo de escrita/leitura. O texto foi modificado tanto na sua estrutura morfológica quanto sintática. O escritor ganhou mais liberdade de escrita e mais visibilidade nos seus trabalhos publicados em rede. O trabalho passa a ser mais lido e obtém respostas mais imediatas do que em publicação impressa.

[...] O hipertexto é dinâmico, está perpetuamente em movimento. Com um ou dois cliques, obedecendo por assim dizer ao dedo e ao olho, ele mostra ao leitor uma de suas faces, depois outra, um certo detalhe ampliado, uma estrutura complexa esquematizada. Ele se redobra e desdobra à vontade, muda de forma, se multiplica, se corta e se cola outra vez de outra forma. Não é apenas uma rede de microtextos, mas sim um grande metatexto de geometria variável, com gavetas, com dobras. Um parágrafo pode aparecer ou desaparecer sob uma palavra, três capítulos sob uma palavra ou parágrafo, um pequeno ensaio sob uma das palavras destes capítulos, e assim virtualmente sem fim, de fundo falso em fundo falso. [...] (LÉVY 1993, p. 40-41)

Com a era digital, uma grande parcela da sociedade, a sociedade informatizada, deixou de escrever manualmente para digitar. Inevitavelmente se escreve e se lê mais, pois a maior parte da comunicação *on-line* é feita através da escrita. E aqui o ato de escrever e ler se confunde. Basta observar as populares salas de bate-papo, os *sites* de relacionamentos, as redes sociais, os *chats*, torpedos e

milhares de *e-mails* escritos diariamente. Em termos de publicação de trabalhos científicos, teses, dissertações e artigos, a internet amplia as possibilidades de publicação e difusão. O que antes ficava restrito ao número reduzido de cópias de livros ou revistas impressas, hoje não tem limite de publicação desde que existam computadores conectados à rede. Chartier (1998) concorda com Levy (1996) nessa perspectiva de que o advento da internet ampliou a própria cultura da escrita e da leitura.

Apesar desse novo contexto da escrita/leitura *on-line* na cibercultura, ainda encontramos vários defensores do texto impresso. A migração da cultura do impresso para a cultural digital não é feita de modo simples. Alguns argumentam que o texto eletrônico possui muitas desvantagens, como a necessidade da eletricidade para poder ligar o equipamento e fazer sua escrita/leitura. Outros dizem que a perda das informações é mais fácil de acontecer no formato digital.

O livro impresso tem na sua perenidade de registro da história da humanidade uma das suas vantagens sobre o livro eletrônico, pois os documentos produzidos em meio digital, ainda não garantem a longevidade de sua utilização, bem como, a perda de dados nesse tipo de mídia é muito maior que na mídia impressa. (SILVA, 2003, p. 13)

Soma-se a isso, dizem, o cansaço ocular com a leitura na tela, a falta da portabilidade, de poder levar consigo o livro para qualquer lugar e ler na posição que considera mais confortável. Se existe a vantagem na incorporação de efeitos visuais, sonoros etc., há o fato de o leitor no uso excessivo tirar a atenção do próprio texto. Até a infinidade de textos que o leitor encontra na rede pode ser considerada como desvantagem. Se não souber filtrar as informações relevantes para si, pode ocorrer do leitor se perder nesse labirinto. Segundo Silva (2003, p. 14), “caso o leitor da linguagem virtual não seja seletivo frente ao imenso leque de ofertas da internet, é provável que ele se perca nos labirintos da informação.”

No entanto, esses argumentos sobre dificuldades para a escrita/leitura apoiada por suportes virtuais *on-line* podem demonstrar que estamos mesmo diante de uma mudança de mentalidade. A existência do forte padrão cultural do impresso

parece ainda imperar em muitos ambientes escolares e pessoas. Como escreve Ribeiro (2006, p. 3), “[...] qualquer desvalor conferido à leitura em tela tem mais relação com o nosso apego à cultura do impresso do que os novos suportes em si mesmo.”

Parece que essa realidade, assinalada por certas resistências e dificuldades, se altera significativamente com a chamada geração digital, a geração que nasceu inserida nesse processo da virtualização e não tem esse apego à materialidade do texto impresso. “Sabe-se igualmente que os primeiros leitores eletrônicos verdadeiros não passam mais pelo papel”. (CHARTIER, 1998, p. 95) Assim, a escrita/leitura em ambientes digitais, *on-line*, passa a instaurar uma nova cultura nos nossos tempos da cibercultura avançada.

No mundo da cibercultura, em que tudo está conectado, onde a informação circula rapidamente, de forma dinâmica e mais livre, o texto digital vem proporcionar uma grande oferta para a aquisição do saber, um oceano de informações disponíveis com uma facilidade de acesso superior aos conteúdos oferecidos por meio impresso. A facilidade de acesso é companheira da facilidade de publicação, tanto que autores mais novos e menos populares procuram no formato digital a solução para as dificuldades que encontram na divulgação de suas ideias. Autores já conhecidos encontram na rede a possibilidade de multiplicar leitores.

Para os leitores, além do benefício do acesso rápido, temos a possibilidade de adquirir obras de outro estado ou país, de encontrar mais facilmente documentos raros. Com a digitalização, os escritos podem ser encontrados e lidos por qualquer pessoa, em qualquer lugar do mundo, na hora desejada. Nem o idioma é empecilho na busca do conhecimento, pois são muitas as ferramentas de tradução *on-line* dos escritos (mesmo considerando seu estágio ainda limitado). E, talvez a vantagem mais importantes para países pobres, o baixo custo das obras em versão eletrônica.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foram vários os procedimentos metodológicos para a construção da pesquisa. Buscamos, inicialmente, uma aproximação e reflexão em torno do tema, através de uma pesquisa bibliográfica e do levantamento de *sites* para *download*

de textos digitais, como o Project Gutenberg,¹ uma iniciativa de sucesso para a criação do conteúdo digital, desenvolvido em 1971 por Michel Hart. A proposta desse projeto era a de criar uma biblioteca com a versão eletrônica de textos de domínio público, sem direitos de autor ou cujos direitos já expiraram. No Brasil temos um projeto parecido, o projeto Biblioteca Nacional Digital,² que abriga diversas obras de destaque da literatura nacional, assim como a Biblioteca Virtual de Literatura.³ Merece destaque também o projeto do governo federal Domínio Público, com várias obras livres para serem baixadas por já estarem, como o próprio nome diz, em domínio público.⁴ O Google também disponibiliza o *Google Book Search*,⁵ sendo que nesta plataforma apenas os textos livres de direitos de autor estão disponíveis para *download*. No caso dos textos protegidos por direitos de autor, gratuitamente só se tem acesso a uma parte do escrito *on-line*. Verificamos que várias editoras disponibilizam gratuitamente nos seus *sites* um capítulo ou parte de um escrito que comercializa. Outro *site* de busca de textos eletrônicos utilizado foi o PDFgeni,⁶ uma ferramenta que permite encontrar diversos tipos de documento em formato PDF. Assim como esses, existem outras diversas opções de qualidade para busca de textos eletrônicos.⁷

A leitura e a familiaridade das ideias vinculadas pelos autores tornou-se essencial para a qualidade do nosso estudo, para a compreensão das maneiras em que circulam as informações na rede, para identificar e analisar os problemas que estudantes e professores enfrentam para escrever e ler na tela, como a incerteza se o texto estará disponível amanhã no mesmo endereço e os processos de escrita e da leitura coletivas. Assim, o foco da pesquisa ficou restrito à escrita e leitura de textos acadêmicos: livros, artigos, dissertações e teses.

Para conseguir as informações empíricas recorreremos à aplicação *on-line* de um questionário ao público que forma o *corpus* da pesquisa: estudantes e professores da pós-graduação em Educação, na UFBA. Utilizamos os procedimentos

¹ <http://bndigital.bn.br>. Este portal vem passando por uma fase de reformulação, mas estava em funcionamento na finalização deste capítulo (novembro de 2011).

² <http://www.biblio.com.br>

³ <http://ebooks.imn.com.br>

⁴ <http://www.dominiopublico.gov.br>

⁵ <http://books.google.com/>

⁶ <http://www.pdfgeni.com>

⁷ <http://www.creativecommons.org.br/>, <http://www.google.com/google-d-s/intl/pt-BR/tour1.html>

de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, com a finalidade de ouvir e registrar as opiniões, posturas e comportamentos das pessoas em relação ao objeto de estudo. (FAZENDA, 1989) O objetivo era identificar e verificar os hábitos de ciberescritores e ciberleitores; os modos de construção, reorganização e assimilação de novos referenciais cognitivos dos processos de escrita e leitura de textos em formato eletrônico, bem como a cultura e os comportamentos oportunizados por essas experiências. Para atingir a esses objetivos, um questionário ficou disponível no endereço: <http://www.encuestafacil.com/RespWeb/Qn.aspx?EID=398056>. Enviamos o *link* com uma carta/convite para que estudantes e professores participassem do estudo. O levantamento das informações ocorreu no período de dezembro de 2008 a janeiro de 2009.

O universo da pesquisa foi composto por 15 pessoas que responderam o questionário, sendo 11 alunos de mestrado e doutorado e 4 professores. Com as informações disponíveis, procedemos à análise. A técnica usada foi a de agrupar as ideias e posicionamentos dos entrevistados em torno de palavras-chave. Essas palavras-chave e as principais abordagens dos entrevistados deram origem aos temas que foram estruturados em capítulos e tópicos.

RELATO DA PESQUISA

Dentre dos limites deste artigo, selecionamos e relatamos três questões que se destacam no estudo: 1. Os hábitos de escrita e leitura *on-line* do grupo estudado; 2. Os usos que esse grupo faz de bibliotecas virtuais e 3. A adesão aos processo de escrita e leitura *on-line* como estratégia de formação de professores na cibercultura. Por meio dessas questões destacamos os aspectos mais relevantes para a compreensão do problema investigado.

Observamos que os entrevistados são entusiasmados com os processos de escrita e leitura *on-line*. Todos ressaltaram as facilidades de acesso aos escritos e também as facilidades para publicar escritos na internet. O acesso rápido, fácil, barato ou gratuito de milhares de textos na internet foi apontado como principal facilitador das pesquisas. Se antes era preciso dedicar muito tempo para fazer um determinado levantamento teórico, agora, em pouquíssimo tempo, é possível levantar uma quantidade imensa de informações. A quantidade sem limites de informações rapidamente captadas coloca novos desafios aos pesquisadores: de-

envolver a capacidade de fazer recortes mais precisos para elaborar análises mais profundas e ricas. O acesso a mais dados também torna mais complexo o ato de pesquisar.

Entretanto, muitas vezes, por trás desse entusiasmo, é possível perceber práticas aparentemente dissonantes com a cultural digital. Ao serem indagados sobre seus hábitos de leitura *on-line*, a maioria dos entrevistados afirmou a preferência em imprimir o texto para uma leitura dita mais “confortável”. A leitura *on-line* é reservada, preferencialmente, para textos curtos. “*Leio textos menores. Os maiores, eu seleciono e só leio depois de imprimir.*” Outra resposta que deixou claro esse hábito foi: “*Na tela eu só leio textos pequenos. Faço leituras rápidas. Quando o texto tem mais de duas páginas, eu cuido logo de imprimir. Pois é melhor ler no papel e fazer as observações, as anotações no próprio papel*”. Para justificar a preferência em ler textos impressos, alguns alegaram cansaço ocular, o hábito de escrever nas margens do papel, o apego à materialização do livro. “*Faço sempre uma leitura muito dinâmica, rápida, pois longo tempo diante da tela cansa os olhos*”. E mais: “*Por vezes, baixo e guardo para um momento subsequente, mas sempre imprimo. Não leio na tela. Sou da velha guarda. Aprendi a ler em papel impresso.*”

Em relação à escrita, a maioria garantiu que quase sempre escreve direto na tela. Um dos entrevistados declarou:

Anos atrás eu escrevia no caderno e depois digitava ou pedia a alguém pra digitar. Mas esse tempo já acabou. Agora a escrita é diretamente na tela. É extraordinária a possibilidade de percorrer todo o texto, apagar, copiar, recompor, deslocar, desmembrar, corrigir erros sem perder todo o trabalho. São muitas as facilidades que a escrita on-line permite.

Outra pessoa ressaltou: “*Ah, acabou essa coisa de escrever com lápis, num caderno. Ninguém escreve mais no caderno. Agora todo mundo só escreve direto na tela. Mas pra ler é melhor ler um texto impresso.*”

A internet possibilitou o rápido acesso ao texto e também a rápida divulgação dos escritos. Na rede, escrever e publicar são praticamente uma mesma ação. Um entrevistado declarou:

O barato agora é que tudo que se faz, se faz na rede, tudo é publicado imediatamente. A foto é divulgada, o vídeo é divulgado, as informações são divulgadas, as opiniões

são divulgadas, os escritos são divulgados. Não fica mais nada na gaveta. O meio eletrônico é um espaço excelente para divulgar seu trabalho e ter outras pessoas compartilhando e interagindo com suas ideias de forma imediata. É fantástico e assustador ao mesmo tempo. Tenho medo dessa coisa de publicar textos que ainda não estão prontos.

Outro afirmou:

É uma experiência muito boa, os comentários recebidos contribuem para a melhoria da escrita e da produção. Tinha o hábito de julgar meus escritos com muito rigor, daí engavetava muita coisa, hoje escrevo e quero logo colocar para o julgamento de internautas. Interessante ver aquele texto que não julgava tão bom sendo criticado, reescrito e citado em outras produções. Mas é preciso saber receber as críticas. Não é fácil.

Em relação a essa questão sobre a disposição e as ações de publicação de textos na internet, a maioria disse que prefere ter acesso e usar o que outros colocaram na rede, mas que não gostam e não querem disponibilizar os seus próprios escritos. Um professor declarou: *“Eu mesmo não disponibilizo o texto na internet. Mas quando publico um artigo, a própria revista que tem versão digital disponibiliza. E tudo vai parar no Google. Mais ai é diferente, né. Se a revista publicou o artigo é porque ele passou pela avaliação. Então deve tá bom.”*

Um dos novos hábitos identificados, entre os estudantes e professores, foi a busca por textos em bibliotecas virtuais, no site de periódicos da CAPES, por exemplo. A justificativa para esse interesse é que o acesso aos documentos digitalizados facilita a investigação de atualidades dentro da área de atuação, apesar de buscarem mais artigos do que livros, dissertações e teses. Um estudante enfatizou: *“Utilizar bibliotecas virtuais é muito fácil. É surpreendente a facilidade para localizar o material desejado: basta, num site de busca, digitar palavras-chave para poder descobrir produções de vários cantos do mundo, com outras concepções culturais.”* Uma professora acrescentou: *“Eu uso textos encontrados nas bibliotecas virtuais. Mas isso ainda é coisa recente na vida acadêmica brasileira. Parece que quando a pessoa cita um texto impresso, ele tem mais valor, é mais valorizado. É o que percebo. A universidade ainda parece presa na cultura do impresso.”*

Sobre a última questão, os entrevistados reconhecem que o processo de escrita colaborativa e leituras coletivas demonstram um avanço na área de pesquisa. Tornou-se possível compartilhar e discutir a leitura de um texto em rede, bem

como escrever simultaneamente com outras pessoas em locais diferentes. Mas poucos se dispõem a produzir de modo colaborativo.

Essa história de ler e escrever de modo coletivo é muito bonito quando Pierre Lévy fala. Mas na prática é um saco. A gente quer escrever de um jeito e o outro vem e estraga tudo. Gosto disso não. Ao invés de facilitar, aumenta o trabalho e a gente ainda briga com os colegas.

Em termos de publicação, todos reconhecem que a internet possibilita um maior alcance, mesmo internacional, o que traz uma resposta mais rápida e o trabalho se torna mais dinâmico, na medida em que é possível dialogar com os leitores. A eficiência de publicação em bibliotecas digitais, bancos de pesquisa, bem como *blogs* e *sites* facilita uma dinamização e longo alcance do trabalho. Mas esse reconhecimento não se traduz necessariamente em práticas comuns entre os estudantes e professores.

Todo mundo publica o que quer na internet. Mas pouca coisa é reconhecida, pouca coisa tem validade acadêmica. Se o artigo não tiver ISBN não vale nada. Se a revista não for indexada, não vale nada. Se o livro não é por uma editora famosa, não vale nada. Fica essa lambança toda do on-line e do digital na formação dos professores, mas na hora da avaliação o que todo mundo cobra é o preto no branco, todo mundo cobra o impresso mesmo, garante uma professora.

Em relação a uma possível substituição de textos impressos por textos digitais, com acesso *on-line*, todos afirmaram que não acreditam nessa substituição, ou pelo menos esperam que ela não ocorra. Defendem que a possibilidade de escolher opções de formatos de leitura e de escrita deve ser preservada. “Não acredito na total substituição do impresso pelo eletrônico. Pessoalmente, gosto da interatividade com o livro impresso, dialogo com ele, escrevendo, anotando, criticando, sugerindo.” Um estudante foi bem categórico: “Não acredito, sempre haverá colecionadores de livros e pessoas que gostam de ler no papel como eu!” No entanto, alguns entendem que talvez por questões econômicas e ecológicas essa progressiva substituição seja mesmo o destino dos escritos. “Espero que sempre tenhamos e possamos contar com os textos impressos, pois tê-los nas mãos facilita o acesso em qualquer lugar e hora. Gosto de folhear um livro ou revista, sentir seu cheiro, achar rabiscos, manchas, afinal elas também me dizem algo...”.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Com base nessas respostas que obtivemos, notamos que apesar de os estudantes e professores da pós-graduação usarem ativamente a internet, de inserirem no seu cotidiano o uso das TIC, quando o assunto é escrita/leitura *on-line* há ainda certa resistência por parte da maioria dos entrevistados. Observamos que o grande motivo de resistência está associado principalmente à questão do forte padrão cultural, do prazer material e tátil de lidar com os objetos da escrita/leitura. Essa percepção está em acordo com as afirmações de Chartier (2002, p. 23):

[...] quanto à ordem dos discursos, o mundo eletrônico provoca uma tríplice ruptura: propõe uma nova técnica de difusão da escrita, incita uma nova relação com os textos, impõe-lhes uma nova forma de inscrição. A originalidade e a importância da revolução digital apóiam-se no fato de obrigar o leitor contemporâneo a abandonar todas as heranças que o plasmaram, já que o mundo eletrônico não mais utiliza a imprensa, ignora o 'livro unitário' e está alheio à materialidade do códex. É ao mesmo tempo uma revolução da percepção das entidades textuais e uma revolução das estruturas e formas mais fundamentais dos suportes da cultura escrita. Daí a razão do desassossego dos leitores, que devem transformar seus hábitos e percepções, e a dificuldade para entender uma mutação que lança um profundo desafio a todas as categorias que costumamos manejar para descrever o mundo dos livros e da cultura escrita.

Na era da cibercultura, educar significa enfrentar os desafios de incluir as pessoas na cultura digital. Os processos de escrita/leitura *on-line* são estratégicos nas diferentes etapas de formação de professores e pesquisadores. Nossa pesquisa revela que o cotidiano das pessoas investigadas ainda não está fortemente inserido no digital. O apego à cultura impressa permanece grande.

Esse apego à materialidade do texto não nos parece resultado de uma resistência em adotar o digital. Em certos aspectos, parece estar associado à própria limitação tecnológica do momento, à infraestrutura tecnológica disponível no país e nas escolas na época da pesquisa. Quase todos os entrevistados argumentaram que evitavam a leitura *on-line* em função do cansaço visual. Escrever e ler horas

seguidas na tela de um computador não deixa de ser mesmo cansativo. Atentas a esse problema, não por acaso, muitas empresas colocaram no mercado seus leitores digitais, com a promessa de eliminar o cansaço visual, superar antigas dificuldades de portabilidade. Esses leitores digitais rapidamente se popularizaram como objeto de desejo da população. Com eles, a escrita/leitura *on-line* entra num novo contexto, marcado pela sedução. As versões mais recentes oferecem acesso à internet, câmeras fotográficas, fazem vídeos e funcionam como celulares. Agora são chamados de *tablets* e são excelentes exemplos daquilo que recentemente muitos passaram a chamar de convergência midiática: um mesmo aparelho que desempenha inúmeras funções, que é leve, sem teclado e sem mouse. Algumas das dificuldades apresentadas pelos entrevistados, relacionadas à escrita/leitura *on-line*, parecem ser superadas com essa nova geração de equipamentos tecnológicos. Eles certamente serão indispensáveis para seduzir e inserir as pessoas na cultura digital, onde a escrita/leitura *on-line* tem destaque. Quando fizemos nossa pesquisa, esses aparelhos ainda não existiam no país.

A pesquisa nos permite concluir, ainda, que estes estudantes e professores costumam evitar em suas produções o uso das referências aos textos disponíveis na internet porque consideram que os diversos sistemas de avaliação na universidade ainda não dão a devida valorização à informação que não é impressa. Porém, esses mesmos sujeitos reconhecem que a cultura universitária está mudando rapidamente e que em breve não será mais preciso enfrentar uma questão como essa. *“Já não se pode mais pesquisar sem recorrer aos textos eletrônicos. Mas pode observar que eles ainda são pouco presentes nas bibliografias. Essa mentalidade precisa mudar. Essa cultura já está mudando, está mudando...”*, enfatizou uma estudante.

Chartier (2008) alerta para o possível surgimento do sujeito iletrado digitalmente na era eletrônica, aquele que não consegue ascender nas práticas culturais, sócio e historicamente estabelecidas, que permitem ao indivíduo apoderar-se das vantagens e assim participar efetivamente e decidir como cidadão do seu tempo, de modo autônomo, livre e criativo. O que podemos observar com nosso estudo é que as pessoas entrevistadas desejam se integrar ao universo digital e nele estudar, pesquisar, produzir. Se, de um lado, ainda existe um forte apego ao texto impresso, de outro, é possível observar que a cultura digital condiciona cada vez mais as práticas acadêmicas, tanto no que diz respeito aos hábitos de escrita/leitura quanto às novas práticas de divulgação das ideias e escritos. Consideramos

importante a ressalva feita pelos entrevistados de que qualquer coisa pode ser facilmente publicada em livros, revistas, *sites*, *blogs*, redes sociais na internet, mas que é uma responsabilidade de todos, sobretudo dos professores na cibercultura, o cuidado com a qualidade acadêmica dos escritos, com a qualidade e a veracidade das informações difundidas.

O fato é que cada vez mais a cultura digital condiciona nossas práticas de estudo e pesquisa, nossos hábitos de escrita/leitura de textos acadêmicos. Como escreveu Almeida (2003, p. 36):

No mundo acadêmico, já existe até um ditado que diz que se você lê um artigo científico publicado em papel, você está totalmente desinformado. A publicação impressa serve, hoje, mais como um fator de prestígio do que como meio de disseminação de informações. A informação circula com muito mais rapidez no mundo virtual entre os pesquisadores do mundo inteiro.

O que pudemos observar com o estudo é que, de fato, a escrita/leitura progressivamente se torna digital e cada vez mais acontece em ambientes *on-line*. E os estudantes e professores estão aprendendo a viver essa nova cultura. Nesse contexto, o acesso, a produção e a difusão do conhecimento tendem a fazer parte integrante de uma mesma experiência em rede.

De fato, a escrita/leitura *on-line* se tornou mais rica e fácil. O texto está aberto, hiperlinkado, hipermediático. Os trabalhos podem ser publicados com maior rapidez, obtendo simultaneamente uma resposta dos leitores, o que revela uma relação mais próxima entre ciberescritores e ciberleitores. Vivemos a era do texto 2.0. Do mesmo modo como atualmente ninguém lamenta o fim do rolo de papiro, é provável que, em breve, o próximo estado da cibercultura seja mesmo uma sociedade sem papel e as nossas experiências de escrita/leitura *on-line* se multiplicarão.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rubens Queiroz de. O leitor-navegador. In.: SILVA, Ezequiel Theodoro da. FREIRE, Fernanda M. P. ALMEIDA Rubens Queiroz de.

- AMARAL, Sergio Ferreira do (Coord.). *A leitura nos oceanos da internet*. São Paulo: Cortez, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. 8. ed. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2005. 3 v.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- _____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- _____. Do Códice ao monitor: a trajetória do escrito. *Estudos Avançados*, v. 8, n. 21, 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v8n21/12.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2008.
- CORREIA, Carlos. *Livro-eletrônico: o conceito*. Disponível em: <http://www.carloscorreia.net/pt/framesets/frameset_e_livros_pt.html>. Acesso em: 10 maio 2009.
- COSCARELLI, Carla Viana. Entre textos e hipertextos In.: COSCARELLI, Carla Viana (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FAZENDA, Ivani. *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.
- LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
- _____. *As tecnologias da inteligência*. O futuro do pensamento na era da informática. São Paulo: Editora 34, 1993.
- PRIMO, Alex. Fase do desenvolvimento tecnológico e suas implicações nas formas de ser, conhecer, comunicar e produzir em sociedade In: PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu (Org.). *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Texto e leitura hipertextual: novos produtos, velhos processos. *Linguagem & Ensino*, v. 9, n. 2, p. 15-32, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://rle.ucpel.tche.br/php/edicoes/v9n2/01Ribeiro.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2008.
- RODRIGUES, Jeorgina Gentil. Da “Galáxia de Gutenberg” ao ciberespaço: do livro impresso ao eletrônico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 19., 2000, Porto Alegre.

Proceedings... Porto Alegre: Centro de Eventos da PUC-RS, 2000. Disponível em:
<<http://dici.ibict.br/archive/00000750/01/T091.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2008.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Leitura no mundo virtual: alguns problemas. In:
SILVA, Ezequiel Theodoro da. et al. (Coord.). *A leitura nos oceanos da internet*.
São Paulo: Cortez, 2003.